

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: Avanços e retrocessos no Atendimento Educacional Especializado

HIGH ABILITIES/SUPERDOTATION: Advances and setbacks in Specialized Educational Assistance

Sergio Ricardo de Almeida Santos¹

RESUMO

O artigo "ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: Avanços e retrocessos no Atendimento Educacional Especializado. CONCEITUALIZAÇÕES DO TRANSTORNO E/OU DEFICIÊNCIA" aborda a complexidade do atendimento adequado aos alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) nas escolas, destacando a necessidade de compreender e identificar tais alunos, além de discutir mitos que dificultam sua identificação e atendimento. O texto explora diferentes conceitos de superdotação e estratégias de identificação, enfatizando a importância do papel dos professores, pais e colegas nesse processo. Além disso, analisa as legislações inclusivas e os contextos escolares pertinentes, ressaltando a importância da educação inclusiva e da formação docente para garantir o desenvolvimento adequado desses alunos. Por fim, o estudo conclui que ainda há lacunas na preparação das instituições escolares para lidar com alunos com AH/SD, evidenciando a necessidade de discussão dos mitos sobre superdotação e investimento em formação específica e metodologias adequadas.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades; Superdotação; Educação Inclusiva; Formação Docente

ABSTRACT

The article "HIGH ABILITIES/SUPERDOTATION: Advances and setbacks in Specialized Educational Care. CONCEPTUALIZATIONS OF THE DISORDER AND/OR DISABILITY" addresses the complexity of providing adequate care for students with High Abilities/Gifted (AH/Gifted) in schools, highlighting the need to understand and identify such students, as well as discussing myths that hinder their identification and care. The text explores different concepts of giftedness and identification strategies, emphasizing the importance of the role of teachers, parents and peers in this process. It also analyzes inclusive legislation and the relevant school contexts, highlighting the importance of inclusive education and teacher training to ensure the proper development of these students. Finally, the study concludes that there are still gaps in the preparation of school institutions to deal with students with HS/G, highlighting the need to discuss myths about giftedness and invest in specific training and appropriate methodologies.

KEYWORDS: High Ability; Gifted; Inclusive Education; Teacher training

¹ Docente; Colégio Militar de Curitiba; sergioricardo.topografo@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Procurei nesse trabalho responder o seguinte questionamento: assim como outros estudantes com necessidades especiais, alunos com Altas Habilidades/Superdotação podem ser prejudicados se não tiverem um atendimento adequado, seja ele da escola ou familiar?

Ao entrar no tema “Altas Habilidades/Superdotação”, é preciso conceituar alguns pontos. A superdotação é conhecida como um fenômeno que agrega muitas características de desenvolvimento do indivíduo, tanto nos aspectos cognitivos quanto nos afetivos. O conceito de AH/SD pode variar de cultura para cultura e em função do momento histórico e social. De um jeito simplista, o público em geral considera como superdotados aqueles que demonstram habilidades muito acima da média.

A habilidade superior, a superdotação, a precocidade, o prodígio e a genialidade são gradações de um mesmo fenômeno que vem sendo estudado há séculos em diversos países (VIRGOLIM, 2001).

Onde “precoce” são crianças que apresentam alguma habilidade específica anterior ao tempo previsto para a grande maioria. O termo “prodígio” é empregado para o domínio de uma habilidade rara ou extrema, onde a criança que domina habilidades em certas áreas que geralmente só são dominadas por adultos. Já o “gênio” é aquele que, até entre os chamados extraordinários, destacam-se e deixam a sua marca no mundo.

Já Gardner (1995) aponta que os indivíduos apresentam oito inteligências: corporal-cinestésica, musical, linguística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal e naturalista.

Para o autor, estas inteligências funcionam combinadas e a resolução de algumas atividades pode envolver uma fusão de várias delas.

Assim, as pessoas com AH/SD se destacam em relação a seu grupo social, em uma ou mais destas “habilidades”. Sendo assim, inúmeras são as características que os alunos com AH/SD podem apresentar.

A atenção do professor na observação destas e de outras características em seus alunos pode levar à identificação de indicadores de AH/SD, os quais podem estar disfarçados nas salas de aula, encobertos por mitos a seu respeito.

E por sua vez, os mitos a respeito das altas habilidades, inúmeras vezes, dificultam a sua identificação, assim como um atendimento diferenciado. Pérez (2003), organizou estes mitos de forma a melhor compreendê-los.



E muitos dos mitos citados e organizados por Pérez (2003) são exemplificados por Winner (1998), que escreve que:

As crianças superdotadas não são apenas mais rápidas do que as crianças normais, mas são também diferentes. Porque requerem apoio estruturado mínimo, porque fazem descobertas sozinhas e inventam novas formas de entender e porque têm tamanha fúria por dominar, elas são diferentes das crianças que apenas trabalharam com afincamento extremo (1998, p. 247-248).

Winner incentiva a desmistificação de algumas crenças sobre estas pessoas. Busca com isso levantar discussões sobre a necessidade de apoio da família e da escola, em seu papel de estimulação das habilidades destes alunos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ou METODOLOGIA

Com base na Política Nacional de Educação Especial (Decreto N°10.502/2020): Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida, organizações da sociedade civil trabalham pela inclusão das diversidades. Mas essa política representa um grande risco de retrocesso na inclusão, incentivando a matrícula em escolas especiais, em que os estudantes acabam ficando segregados.

A verdadeira escola inclusiva parte de princípios totalmente diferente da proposta da “integração”, que somente recebia o aluno, sem a preocupação em realizar a sua adaptação para a vida.

Indo pela contramão, a inclusão educacional tem como objetivo a participação de todos os alunos, num ambiente que considera as características, os interesses e os direitos de cada um.

Dessa forma, a verdadeira educação inclusiva está direcionada e preocupada com as diferenças individuais que se encontram no ambiente educacional, entendendo esta como uma construção pessoal e intransferível.

Rodrigues (2006, p. 305), coloca que “a diferença é, inicialmente, uma construção social histórica e culturalmente situada”.

A educação dá atenção a estes alunos, cada qual com suas especificidades e vivências, e tem por intuito oportunizar alternativas para consolidar sua formação e sua aprendizagem. Cada qual traz consigo experiências, formas de compreensão, dificuldades e capacidades que precisam ser levadas em consideração no ato educativo.

Segundo Rodrigues:

[...] a escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva (EI) desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam a contribuição ativa de cada aluno para a formação de um conhecimento construído e partilhado – e, desta forma, atinge a qualidade acadêmica e sociocultural sem discriminação (2006, p. 302).



Para que estas propostas consigam ser de fato implementadas nas escolas, é necessário a formação do professor, com a intenção de constituir novas posições a respeito das necessidades individuais dos alunos. Deste modo, é importante reconhecer as diferenças, não para excluir, mas para promover a real inclusão e possibilitar novas experiências.

Chegamos ao ponto onde começa a discussão sobre a educação de alunos com AH/SD, os quais frequentemente estão presentes no contexto escolar, mas, como escreve Pérez (2003), muitas vezes não são identificados, nem mesmo reconhecidos pelos professores.

Mas afinal, quem são os alunos com AH/SD?

Por muito tempo, a inteligência foi vista como um conceito único e passou a ser medida pelos “famosos” testes de “QI”. Estes testes possuem tabelas numéricas de reconhecimento da inteligência, porém são capazes de medir somente as inteligências lógico-matemática, linguística e espacial. Os testes de “QI” vêm sofrendo críticas, tendo em vista que são aplicados isoladamente, sem levar em consideração a realidade do aluno, nem mesmo levam em consideração as demais capacidades humanas.

Virgolim (2007) defende que a identificação deve ser realizada através de inúmeros instrumentos que permitam uma visão integral do sujeito. Esta autora acredita que devem ser utilizados inúmeros critérios, identificados a partir de diferentes fontes de informações.

Entre as alternativas que podem ser utilizadas na identificação dos alunos com altas habilidades/superdotação, foram destacados por Virgolim (2007):

1. **Nomeação por professores:** os professores normalmente possuem maior facilidade na indicação de alunos com características de altas habilidades, uma vez que convivem por um grande tempo com os alunos em suas turmas e podem observar traços importantes que se destacam em relação ao grupo de colegas.

2. **Indicadores de criatividade:** alguns indicadores de criatividade do aluno podem auxiliar o professor a identificar alunos que possuem talentos únicos, mas que em sala de aula passam despercebidos ao olhar desatento. É importante saber que a identificação deste aluno altamente criativo pode evitar um possível fracasso escolar, em função do seu pensamento divergente.

3. **Nomeação por pais:** os pais são personagens que tendem a contribuir para a identificação dos alunos com altas habilidades, uma vez que a maioria deles acompanha

o desenvolvimento dos seus filhos com grande atenção. Estes podem informar todas as etapas do desenvolvimento vivenciadas pelo filho, apontando seus maiores interesses, realizações e criações. Porém, é necessário cuidado, pois alguns pais supervalorizam as habilidades dos filhos e podem confundir algumas das características das altas habilidades. Voltaremos a esse assunto adiante.

4. **Nomeação por colegas:** muitas vezes, os colegas reconhecem características importantes que o professor pode ainda não ter observado.

5. **Auto nomeação:** pode ser um instrumento útil para a indicação de crianças que não tiveram seus talentos notados nem pelo professor, nem pelos colegas, mas que possuem habilidades em determinada área do conhecimento.

6. **Nomeação por motivação do aluno:** alunos motivados e que demonstram um interesse incomum em determinada área durante o ano escolar também podem ser indicados para um atendimento especializado, levando-o a desenvolver sua criatividade e habilidades específicas.

Estas são algumas formas possíveis apontadas por Virgolim (2007), que pode ajudar a identificar um aluno com altas habilidades/superdotação, porém devemos estar atentos ao **item 3**, pois aí tem uma grande chance de acontecer um retrocesso ao invés do avanço. E sobre esse item que abordo nas minhas considerações finais desse trabalho.

3. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passo agora a fazer uma análise crítica-reflexiva do meu convívio no meu ambiente escolar sobre a minha contribuição na atuação com crianças especiais nas minhas salas de aula, onde procuro discutir nas reuniões pedagógicas os avanços e os retrocessos das altas habilidades/superdotação numa forma de observar a intromissão parental, que coloca a condição de AH/SD como algo que está além da estrutura educacional.

Essa teoria insere a figura, principalmente, a materna no processo de construção do indivíduo e como isso reflete nos processos cognitivos e relacionais da criança.

Para esse estudo, observei evidências baseadas em dados verbais e visuais. O principal objetivo foi buscar compreender como o elevado desempenho intelectual do superdotado é usado como uma forma de atender os desejos dos seus pais.

Essa situação aponta que a criança superdotada pode acabar sendo usada como uma peça capaz de compensar, por parte de seus pais, as perdas da infância, o

retorno ao tempo perdido, os ideais parentais, e até a fuga de um luto mal vivido. Assim, a AH/SD surge na criança como um traço, direcionado a responder o anseio parental.

Busquei compreender qual é a relação entre a superdotação e a resposta da criança ao desejo materno, principalmente.

Mannoni (1988 b), ao colocar que a demanda da mãe em relação ao filho se constitui no seu desejo frustrado, faz referência ao lugar que o superdotado ocupa para sua mãe. E ela escreve que,

A relação mãe-filho vai estabelecer-se através de um prisma deformante. A criança não sabe que é chamada a desempenhar um papel para satisfazer o voto inconsciente da mãe (papel do superdotado, do débil, do doente). Sem o saber, ela é certo modo 'raptada' no desejo da mãe (p.43).

Fica nítido que a superdotação pode ser uma forma de atender ao desejo materno.

E de acordo com Miller (1986), as crianças com AH/SD, por serem mais sensíveis, podem captar melhor os anseios parentais. E para satisfazê-los, acabam criando uma falsa identidade, afastando-se de seu verdadeiro eu. A criança percebe claramente e desenvolve uma postura na qual apenas mostra o que é esperado dela (a superdotação) e deixa de expressar suas próprias angústias.

Com esse estudo quero alertar como o elevado desempenho intelectual de uma criança com AH/SD pode aparecer apenas como uma forma de atender ao sentimento narcísico dos pais, ou seja, que tende a estar completamente voltado para si mesmo e não para a criança.

E com esse tópico que abordei, pude concluir que ainda falta mais preparo de algumas instituições escolares para alunos com AH/SD. Ficou nítido na minha pesquisa/observação, que existem fortes indícios de que os mitos acerca das altas habilidades/superdotação influenciam no avanço e no retrocesso desses alunos, e que esses mitos devem ser discutidos junto aos pais como forma de esclarecer, e professores de modo a facilitar o desenvolvimento do aluno.

Observei ainda que embora alguns ambientes de ensino regular com espaço para o atendimento de alunos com AH/SD, não possuem profissionais treinados e especializados, além de metodologia específica voltada para esse público, acarretando, ainda mais, prejuízo na aprendizagem desses alunos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MANNONI, M. "O Falso Self" e "Winnicott - Um Espaço Para a Fantasia" In: *A Teoria como ficção*. Rio de Janeiro, Campus, 1984.

MANNONI, M. **Um saber que não se sabe.** Campinas. Papyrus, 1989^a

MILLER, A. **O drama da criança bem dotada – como os pais podem formar e deformar a vida emocional de seus filhos.** São Paulo. Summus Editorial, 1986.

PÉREZ, S.G.. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 22, pág. 45-59, 2003.

RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2006. p. 299 – 318.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

WINNER, E. **Crianças superdotadas. Mitos e realidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

